

UM FRAGMENTO HOLOGRÁFICO NA POESIA DE DRUMMOND

*Maria Luiza Ramos**

RESUMO

Este texto é uma contribuição às comemorações do centenário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade, a realizar-se em 2002. Na linha transdisciplinar que norteia o atual pensamento acadêmico, inspira-se no desdobramento da teoria holográfica, com a intenção de mostrar como o livro *Alguma Poesia* contém não apenas a experiência presente e passada do Poeta, naquele ano de 1930, mas abarca também a problemática existencial que viria a caracterizar a sua obra futura.

Às vésperas de comemorarmos o centenário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade (1902 / 2002), tenho prazer em voltar a *Alguma Poesia* (Drummond, 1930), cujos poemas têm sido objeto de minha atenção, em trabalhos que venho divulgando desde muitos anos, quer através da imprensa, quer em conferências e em salas de aula.

Apenas como exemplo, lembro que, sobre o poema “No meio do caminho”, publiquei um texto no Suplemento Literário do *Correio da Manhã*, jornal do Rio, que desapareceu já há muitos anos. Esse artigo Drummond incluiu num livro, uma coletânea de textos por ele mesmo organizada em 1967, com o título *Uma Pedra no Meio do Caminho* – biografia de um poema. (Drummond, 1967, p. 88)

Outro texto que muito me impressionou em *Alguma Poesia* é “Infância”, que, juntamente com vários outros poemas, de livros publicados em diferentes momentos, mostrou que a árvore surge, na poesia de Drummond, como uma relati-

* Professora Emérita da Universidade Federal de Minas Gerais.

zação do mito da Árvore da Vida, ou da Ciência do Bem e do Mal. Com o título “A árvore cósmica na poesia de Drummond”, publiquei no Suplemento Literário do Estado de S. Paulo, em 77, um artigo que foi republicado na Revista do Centro de Ciências Humanas, da PUC, em 86, e está agora incluído em Interfaces – literatura, mito, inconsciente, cognição – meu último livro, editado pela UFMG em 2000.

O primeiro trabalho que escrevi sobre Drummond data, entretanto, dos anos 50, quando se organizou no Suplemento Literário do Diário de Minas, jornal que também já desapareceu, um número a ele dedicado. Esse artigo motivou o meu primeiro contato com o Poeta, pois enviou à redação do jornal uma carta em que me dizia: “Como não tenho o seu endereço, esta carta vai assim como garrafa jogada ao mar...”

Relato esses fatos para dizer da minha intimidade com a obra drummondiana e do meu apreço pelo Poeta, que desde então me distinguiu com a sua amizade. Mas é preciso andar para a frente, como nos dá ele o exemplo no alegre auto-retrato, essa caricatura que se tornou o ícone do *Forum* preparativo das comemorações do centenário, que desde 99 se realiza anualmente em outubro, na cidade de Itabira.

Retomar a poesia de Drummond é, portanto relê-la, o que faço sempre com muito gosto e, felizmente, a partir de novos enfoques, que novas teorias nos proporcionam, no campo específico da literatura, ou fora dele.

Neste momento acadêmico, por exemplo, inspirado pela transdisciplinaridade, vou orientar este texto a partir da teoria holográfica – uma das revoluções operadas no campo da física em meados do século que acabou de findar.

Ken Wilber observa em *O paradigma holográfico*, que, a partir das pesquisas do húngaro Dennis Gabor, nos anos quarenta, pôde-se constatar que uma técnica fotográfica baseada na superposição das ondas de um feixe de radiação coerente com as ondas refletidas por um objeto – o que se obtém mediante um *laser* – resultava na reprodução de uma imagem tridimensional desse objeto: “Como não há focalizador, isto é, lentes focalizadoras, a chapa tem a aparência de um padrão de espirais destituído de qualquer significado. *Qualquer pedaço do holograma pode reconstituir a imagem inteira*” (Wilber *et al.*, 1995, p. 12). Um exemplo disso é que, se se tira, mediante esse processo sem lentes, uma foto holográfica de um cavalo, e, se se recorta um pedaço dela, digamos a cabeça, a ampliação vai mostrar não uma cabeça grande, mas o cavalo inteiro: a totalidade da imagem.

Tal descoberta, laureada com um Prêmio Nobel, teve logo uma série de desdobramentos em outros campos científicos. Duas décadas depois, o neurocientista Karl Pribram estendeu a teoria ao estudo dos processos cerebrais, de forma a mostrar que cada neurônio contém informações sobre o todo cerebral. Uma memória específica, por exemplo, não possui uma localização bem definida no cérebro, mas encontra-se espalhada por todo ele. Assim, uma lesão em lugares diferentes do cérebro pode não afetar a memória, que seria reconstituída de qualquer outro ponto.

Pouco depois, o físico David Bohm deu à teoria holográfica um caráter dinâmico, que chamou de *holomovimento*. Também outros físicos, como Harold Puthoff e Russell Targ, a estenderam ao âmbito do tempo: se cada ponto no espaço contém informações acerca do espaço todo, então cada momento no tempo contém informações sobre todo ele. O presente teria então uma relação não apenas com o passado, mas também com o futuro. Num universo holográfico, faz sentido, pois, a *sincronicidade* – ou coincidência significativa – conceito que foi desenvolvido por Jung no campo da psicologia analítica. Pribram diz que, no domínio da frequência, 4000 anos atrás pode ser amanhã, o que já era conhecido no contexto da filosofia oriental, que nos mostra uma concepção do tempo diferente da concepção cronológica, e que, curiosamente, encontramos também no contexto judaico-cristão, nesta passagem do *Eclesiastes*: “o que é, já foi, e o que há de ser, também já foi”. Já não parece tão hermético, portanto, o preceito de Hermes, o Trimegistus, quando diz: “o que está em cima é como o que está embaixo”.

O encontro de Pribram com o físico David Bohm foi decisivo, pois, pensando o mundo como um holograma, “o que parece ser uma realidade tangível, estável, visível, audível, não passa de ilusão. O mundo é dinâmico, caleidoscópico, não está realmente lá”. Mais uma vez é a filosofia oriental que abona tal concepção, ao dizer que esse mundo em que vivemos é *maia*, ilusão.

O que percebemos usualmente é a ordem *ex – plicada* das coisas, (de *ex* = para fora, e *plicare*, que em latim é pregar, dobrar, ou seja, dobrada para fora, linear, como um filme a que se assiste). Paralelamente à ordem explicada, existe também uma *ordem implicada* (de *in – plicare*, dobrar para dentro, conter) – uma das palavras-chave de David Bohm – ordem que abriga a nossa realidade subjacente. Eis como ele se refere ao tempo, numa conversa com René Weber (1995):

Véja, o próprio tempo é uma ordem de manifestação. Estamos dizendo que é possível ter uma ordem implicada com relação ao tempo bem como em relação ao espaço, e que a totalidade do tempo pode estar dobrada em qualquer dado período de tempo. (...) No holomovimento, o que está sucedendo nas profundezas daquele único momento do tempo contém informações sobre a totalidade do tempo. (p. 62)

Tudo isso pode nos parecer fantasioso, a nós, leigos, mas é hoje do domínio comum e não causa espanto a ninguém que um exame de DNA, feito no mínimo espaço de um fio de cabelo, seja capaz de fornecer toda a programação biológica de um indivíduo.

Condicionamo-nos a uma visão linear da realidade, em que os eventos se desenrolam diacronicamente, apenas se superpondo na experiência de um tempo interior, em momentos reflexivos ou de inesperada emoção. Os místicos, porém, têm acesso à realidade holográfica, pela sua particular vivência espiritual, acima de dog-

mas e religiões. E também os artistas podem experimentar eventualmente esse espaço, pela prática dos processos de deslocamento e condensação, metonímicos e metafóricos, em que a vida se organiza em imagens. Seria exaustivo deter-me em exemplos, que podem ser colhidos na obra dos poetas, particularmente na obra de nosso Carlos Drummond, mas quero lembrar um sutra budista, muito citado em relação à teoria holográfica: “Diz-se que no céu de Indra há uma rede de pérolas dispostas de maneira tal que, se você olhar para uma, verá todas as outras nela refletidas. Da mesma forma, cada objeto no mundo não é meramente ele próprio, mas envolve todos os outros objetos, e é, de fato, cada um dos outros objetos”.

Relevem-me esta longa introdução, mas era necessária ao tratamento do tema de que nos ocupamos. Considerando de um ponto de vista holográfico as obras completas de Drummond, na sua multiplicidade de livros em prosa e verso, é fácil verificar que cada um deles é um holograma, que contém informações sobre a obra inteira.

No caso de **Alguma poesia**, livro cujos setenta anos acabamos de comemorar, vemos que os poemas se tecem não apenas daquele momento presente e de reminiscências do escritor, mas implicam – e aqui estou me reportando à ordem implicada, de David Bohm – os poemas, as crônicas e os contos futuros, que viriam a constituir toda a obra.

É claro que, a partir de tal enfoque, qualquer dos livros poderia ser tomado como referência, mas esse tem ainda a particularidade de ter sido inaugural, o primeiro livro publicado por Drummond, o que lhe confere um valor singular. Se lembrarmos, por exemplo, o *humor* – um dos traços marcantes do estilo drummondiano – ali está ele no “mundo, mundo, vasto mundo // se eu me chamasse Raimundo // seria uma rima, não seria uma solução”; na “lua irônica // diurética” de um céu “de metileno”; na toada do amor, que “briga perdoa perdoa briga”; no “infinito” que está no pito da Mariquita; nas “Pernas morenas das lavadeiras // tão musculosas que parece foi o Aleijadinho que as esculpiu”; no “poeta federal // que tira ouro do nariz”; nas janelas que olham “Êta vida besta, meu Deus!”; no “Stop // A vida parou / / ou foi o automóvel?”; no desafio ao leitor: “Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou”, e assim por diante.

Do mesmo modo, já se mostra em “Infância” o **Boitempo**; em “Coração numeroso” a **Rosa do povo**; em “O sobrevivente”, o **Sentimento do mundo**. E “Quadrilha”? Aí estão mascarados na ligeireza humorística de uma dança todos os poemas que elaboram a dramática contradição das relações sociais – aquele imenso elefante meigo, que vai “pela rua povoada // mas não o querem ver”, do mesmo modo que “No meio do caminho” é uma daquelas pérolas do céu de Indra, em que cabem todas as outras, todas as limitações e frustrações de nossa condição humana, que perpassam a poesia e a prosa do nosso Poeta.

Mas tenho que me redimir de estar caindo na armadilha das listas e dos inventários. Lembrei há pouco que **Alguma poesia** é um livro inaugural. Quero deter-me, ainda que brevemente, nesse aspecto da produção drummondiana, observando que aos princípios se tem dado uma atenção toda particular. Foi assim que Lacan lembrou que no Evangelho de São João (VIII, 25), ao perguntarem os judeus a Jesus quem era ele afinal, respondeu-lhes: “— Isso mesmo que desde o princípio vos disse” (Lacan, 1966, p. 266). Como na música, em que o tema é dado no início da composição, também no discurso, particularmente o literário, o poético, é no princípio que se deve buscar o sentido da obra. E em **Alguma poesia**, é exatamente no primeiro poema – o “Poema de sete faces” – que encontramos valores arquetípicos que vão povoar o imaginário do Poeta ao longo de sua obra.

Lembro rapidamente que os arquétipos não são significados, mas matrizes de sentido, que abrangem funções psicológicas diversas. Como tal, atualizam-se em figurações também diversas, que apresentam uma grande variedade de feições. Dentre essas, vem atravessando séculos um conjunto de cartas conhecido pelo nome de Tarô, no qual há vinte e duas que representam os Arcanos Maiores, enquanto as demais se transformaram no baralho atual. Quando, em pesquisa sobre sistemas semióticos diversos, entrei em contato com esse código, o “Poema de Sete Faces”, que há muito eu trazia na memória, se iluminou de uma perspectiva nova.



Trabalhei-o em um curso que dei, aqui mesmo na PUC, há muitos anos. E, depois de publicar um artigo sobre esse texto (Ramos, 1995), o incluí em **Interfa-**

ces, a que me referi de início, retomando-o em Itabira, no *Forum* dos preparativos do centenário, motivada pelo belo *poster* em que se via a montagem daquela alegre caricatura de Drummond, feita por ele próprio, atravessando a passos largos o vetusto cenário de uma rua itabirana.

E sempre se caricaturando, foi assim que ele iniciou a sua biografia no poema: “Quando nasci um anjo torto // desses que vivem na sombra // disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”. Pois há no Tarot uma lâmina, *O Eremita*, representado por um ancião curvado, trazendo na mão uma lanterna. Personalizado por Jung no *Velho Sábio*, é ele um hierofante, que simboliza a experiência, o saber que ilumina os caminhos.

E há uma outra, o *Louco*, que dentre todas é a única figura que está andando. Conhecido como o Bobo da Côrte, de quem por vezes aparece usando as vestes, é também a única carta que não tem número, podendo figurar em qualquer lugar, como o Coringa dos baralhos atuais. Drummond chama de *gauche* a essa figura – o esquerdo. Geralmente interpretado como o tímido, é ele, entretanto, o que se aventura fora da rota convencional, fora do leirão, sendo, pois, o que *de – lira*. E Louco é a maneira mais cômoda de se rotular a diferença. Veja-se como essa personagem antecipa o narrador do poema “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin”, quando diz: “Era preciso que um poeta brasileiro // não dos maiores, porém dos mais expostos à galhofa”, parodiando assim o lugar-comum dos discursos laudatórios.

Já o *MUNDO* é o último dos Arcanos Maiores, considerado a melhor carta do jogo, trazendo a harmonia dos opostos. É fácil reconhecer que, naquele momento, o Poeta aspirasse a essa completude, invocando o mundo por três vezes. E que, cerca de 30 anos depois, em “A máquina do mundo”, desdenhasse ele a perfeição, passando do humor à ironia. E a *LUA*? Do mesmo modo que a cachaça, em “Meu verso é minha consolação. Meu verso é minha cachaça”, o cognac fala das paixões represadas, do inconsciente, uma combinatória do feitiço e do encantamento que a lua provoca. Não estranha, portanto, que sejam chamados de lunáticos aos loucos, e que se diga que estão no mundo da lua, os apaixonados.

Eu me propus focalizar **Alguma poesia** como um fragmento holográfico da obra de Carlos Drummond de Andrade, através do qual se pode ter uma visão panorâmica da sua poesia. O “Poema de Sete Faces”, que é o primeiro desse primeiro livro, já nos mostra, pois, um sujeito multifacetado, que ecoa em “Ganhei, perdi meu dia”, ou “Meu Deus e meu conflito”; no rompante bem humorado de “Nem eu posso com Deus nem pode ele comigo”. Um sujeito dividido entre o tradicional e o novo, ansiando por abarcar a totalidade: “O único possível é Deus // o único impossível é Deus”; “A incerteza de tudo // na certeza do nada”. Um homem cujo coração se diz ainda mais vasto do que o mundo, para logo voltar atrás, negando esse momento de exaltação.

Pois esse é também um vasto sujeito, que testemunha aquela subjetividade que não se restringe ao indivíduo, mas estabelece um “território existencial” – expressão de Guattari, que em *Caosmose* observa:

Essas objetividades-subjetividades são levadas a trabalhar por conta própria, a se encarnar em foco animista: imbricam-se umas com as outras, invadem-se, para constituir entidades coletivas – meio coisa, meio-alma, meio-homem, meio-animal, máquina e fluxo, matéria e signo. (Guattari, 1992, p. 14)

Acrescentando que as esferas da exterioridade não são radicalmente separadas do interior, o Autor menciona “um gozo da passagem ao para-si-coletivo”, que é muitas vezes suportado pelos rituais. Em Drummond, entretanto, essa experiência do coletivo não necessita do apoio de rituais específicos. Está implícita nos mínimos aspectos da tradição, de sua gente, dos antepassados que lhe transmitiram os bens e o sangue, e também na complexidade dos acontecimentos da vida presente, dentro e fora do seu país.

Se em Drummond o seu “território existencial” exorbita do indivíduo para o contexto, mesmo se se trata de contextos diferenciados no tempo e no espaço, é interessante verificar que agora a sua obra seja objeto de um original “museu território”, em que cada itabirano, e cada visitante da cidade, pode gozar dessa subjetividade, identificando-se com o Poeta nas ruas e praças de Itabira, onde os seus versos estão gravados em páginas de pedra.

ABSTRACT

This paper is a contribution to the celebration of Carlos Drummond de Andrade's centennial, to be held in 2002. Framed in the transdisciplinary line now directing academic thought, it finds its inspiration in the development of holographic theory, meaning to show how the book *Alguma Poesia* embodies not only the Poet's present and past experience but also the existential questions that would come to stamp his future work.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade* – Poesia e Prosa. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

_____. *Uma pedra no meio do caminho* – biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

GUATARI, Felix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

RAMOS, Maria Luiza. "A árvore cósmica na poesia de Drummond". **Revista do Centro de Ciências Humanas**, Ano IV, n. 5. Belo Horizonte, Fumarc/PUC Minas, 1986. p. 115-124.

_____. "Drummond corta o baralho". **Ensaaios de Semiótica**, n. 28/30. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 1994/1995. p. 95-115.

_____. **Interfaces – literatura, mito, inconsciente, cognição**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

WILBER, Ken (Org.). **O paradigma holográfico – e outros paradoxos**. São Paulo: Cultrix, 1995.

WEBER, Renée. O universo que dobra e desdobra: uma conversa com David Bohm. In: WILBER, Ken (Org.). **O paradigma holográfico – e outros paradoxos**. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 45-104.